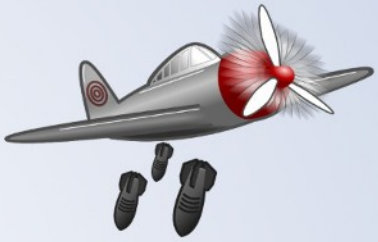
La Comédiathèque



Era uma vez um barquinho

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/**

Era uma vez um barquinho

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Sete personagens misteriosas ficam retidas numa ilha devido a uma greve dos ferries.
Todas têm uma boa razão para querer regressar ao continente quanto antes.
Embarcam num barco de pesca comandado por um capitão improvisado.
Mas o preço desta travessia será muito mais elevado do que esperavam...
Uma fábula humorística sobre os vícios e as contradições da nossa sociedade.

Personagens

Max

Diane

Yvonne

Charles

Sergio

Amanda

Marie

7 intérpretes
Os papéis de Maximiliano (ou Maximiliana) e de Sergio (ou Sergia) podem ser interpretados por homens ou mulheres, com as adaptações necessárias. Elencos possíveis: 3 homens e 4 mulheres, 2 homens e 5 mulheres, ou 1 homem e 6 mulheres.

© La Comédiathèque

Quadro 1

Convés de um barco de pesca. Ao fundo, o leme. Num ponto visível, uma boia de salvação com o nome do barco: O Empreendedor. À frente, duas espreguiçadeiras. Max, de boné de capitão, abre uma carta náutica para a estudar. Olha para ela de pernas para o ar, volta-a para o lado certo e observa o horizonte, tentando orientar-se. Entra Diane, com o aspeto de uma executiva, a puxar uma mala de luxo com rodas. Após um instante de hesitação, dirige-se a Max.

Diane – Consultou a previsão marítima esta manhã?

Max dobra precipitadamente a carta.

Max – Sim, anunciam nevoeiro.

Diane – Que palavra-passe mais idiota...

Max – As palavras-passe são sempre um bocado idiotas.

Diane – A questão é... para quê uma palavra-passe?

Max – Nos tempos que correm... Nem imagina quantas pessoas seriam capazes de matar o pai e a mãe para sair desta ilha o mais depressa possível. Tem a certeza de que ninguém a seguiu?

Diane – Penso que não...

Max – Muito bem... Mesmo assim, peço-lhe que fale mais baixo. Num convés, as vozes ouvem-se muito longe. E não seria de estranhar que estivessem a vigiar-nos...

Diane – Não lhe parece que está a exagerar?

Max – É meu dever garantir a segurança dos passageiros. Conhece o ditado: depois de Deus, só o capitão manda a bordo. E como eu não acredito muito em Deus...

Diane olha à sua volta.

Diane – Então é o... capitão deste barco?

Max – Sou, sim. Mas, por favor, trate-me por Maximiliano.

Diane – Maximiliano? Curioso... Esse nome não me é estranho.

Max – Ou Max, entre amigos.

Diane *(friamente)* – Diane de la Rochelière.

Max – Diane. Muito bem.

Diane – Falou-me de um iate... Não estava à espera de... isto.

Max – Infelizmente, tive de deixar o meu iate em doca seca para uma inspeção. Um amigo emprestou-me este. Mas garanto-lhe que...

Diane – Isto parece um barco de pesca, não parece?

Max – O meu amigo é pescador, de facto. Mas dedica-se à pesca grossa, claro. Atum... espadarte...

Diane – Atum? Pelo cheiro, diria antes que anda à pesca do bacalhau...

Max – Deve ser o cheiro do porto... Quando estivermos em mar aberto, verá que só sentirá a brisa marítima.

Diane – E tem a certeza de que esta banheira aguenta o mar alto?

Max – Estamos a uns trinta quilómetros do continente... Não é propriamente uma travessia oceânica.

Diane – Enfim, não temos alternativa. Quanto tempo demora a travessia?

Max – Uma horita. Não mais.

Diane – Está bem...

Max – Duas, no máximo, se o vento estiver contra nós.

Diane – O vento contra nós? Não me diga que isto é um veleiro... Já me está a cobrar uma fortuna pelo gasóleo.

Max – Não se preocupe. É um barco a motor.

Diane – Posso ver o meu camarote?

Max – O seu camarote?

Diane – Ah... já percebi.

Max – Há dois beliches lá em baixo. Mas aviso-a de que as condições são bastante rudimentares.

Diane – Diga-me pelo menos que há uma casa de banho...

Max – Isso há, evidentemente.

Diane – Muito bem...

Max – Já lhe disse, é só uma travessia de uma ou duas horas. Não vamos passar aqui a noite. *(Mais baixo)* Pelo menos, espero que não...

Diane – Como disse?

Max – Não, estava a dizer que... pode descansar um pouco no convés enquanto esperamos.

Diane – Duvido que consiga descansar. Imagino que também não sirva cocktails.

Max – Desculpe, o empregado do bar tirou o dia de folga. Mas sente-se naquela espreguiçadeira.

Diane – Obrigada, prefiro ficar de pé. Quando é que içamos as velas?

Max – É um barco a motor.

Diane – Sim, já percebi. «Içar as velas» era só uma maneira de falar.

Max – Pois bem... Largamos assim que todos estiverem cá.

Diane – Todos? Como assim, todos?

Max – Os outros.

Diane – Há mais passageiros?

Max – Com a greve inesperada dos ferries, muita gente ficou retida nesta ilha. Todos procuram desesperadamente uma forma de voltar ao continente. A qualquer preço...

Diane – Portanto, improvisou-se como passador...

Max – Estou apenas a tentar ajudar.

Diane – A troco de dinheiro...

Max – Ninguém a obrigou a aceitar... Já agora, se não se importa, preferia receber antecipadamente. E em numerário...

Ela procura na mala e entrega-lhe algumas notas.

Diane – Aqui tem o seu dinheiro... *(Irónica)* Capitão...

Max – Obrigado.

Diane – Parece que estamos num remake barato de um filme noir americano.

Max – Acha?

Diane – Como em «To Have and Have Not». Só que não se parece nada com Humphrey Bogart.

Max – E a senhora também não é nenhuma Lauren Bacall... Vou ligar o motor. Se precisar de mim, basta assobiar. Sabe assobiar, Diane?

Sai sem esperar a resposta. O telemóvel de Diane toca e ela atende.

Diane – Sim, senhor diretor, acabámos de assinar o contrato. Estava precisamente para lhe telefonar. Sim, mas estou com dificuldades em arranjar transporte para voltar ao continente. Os trabalhadores dos ferries entraram em greve. Que se há de fazer? Hoje em dia, nem os paraísos fiscais escapam às greves. Não se preocupe, estarei na reunião do conselho de administração amanhã de manhã. Com o contrato assinado, prometo... Sei que a sua reeleição para o conselho depende disso... E os acionistas exigem resultados... Não o desiludirei, senhor diretor...

Entra Amanda, com ar de estrela de segunda categoria ou de acompanhante de luxo, vestida de forma provocante e um tanto vulgar. Também traz uma mala, mas mais modesta e gasta, talvez coberta de etiquetas de muitos destinos de viagem. Diane, absorta na chamada, não repara na sua chegada.

Diane – Sim, também trago todo o dinheiro da conta secreta que me pediu para encerrar. Em numerário, como combinado... No fundo falso da minha mala, exatamente... Por isso, até nos convém evitar a alfândega... Arranjei lugar numa espécie de traineira. É bastante pitoresco... Depois conto-lhe. Bom dia, senhor diretor.

Guarda o telemóvel.

Amanda – Olá. Viu a previsão do tempo esta manhã?

Diane dá finalmente pela presença dela.

Diane *(ainda distraída)* – Não, porquê?

Amanda – Desculpe, pensei que...

Diane – Ah, sim, claro... Perdão... Parece que anunciam trovoada.

Amanda – Eu julgava que era nevoeiro...

Diane – Nevoeiro, trovoada... Que importa?

Amanda – É a dona disto?

Diane – A dona?

Amanda – Reservei lugar neste bacalhoeiro. Onde anda o chulo?

Diane – O chulo?

Amanda – O capitão!

Diane – Ah, o... Acho que foi pôr o motor a trabalhar.

Amanda – Então espero aqui. *(Estende-lhe a mão.)* Chamo-me Amanda. E a senhora?

Diane *(sem lhe apertar a mão)* – Diane de la Rochelière.

Amanda – Foi uma sorte termos arranjado este táxi. Caso contrário, ficávamos encalhadas aqui como duas focas no gelo. Uma greve de surpresa, sem aviso... Isto não devia ser permitido.

Diane – Se tivessem avisado, já não era uma greve de surpresa...

Amanda – A senhora é esperta... Então também está com o fogo no rabo?

Diane – Perdão?

Amanda – Quero dizer... também tem muita pressa de sair daqui.

Diane – Digamos que sim...

Amanda – Tem um compromisso urgente? Ou alguma coisa a esconder? Eu também preferia evitar a alfândega...

Diane – Não se sinta obrigada a fazer conversa, sabe?

Amanda – Se vamos passar três ou quatro horas juntas, mais vale conversar. O tempo passa mais depressa, não acha?

Diane – Três ou quatro horas? O capitão disse-me uma hora!

Amanda – A mim falou-me em meio dia, parece-me.

Diane – Então já devíamos estar a caminho, se queremos chegar antes de anoitecer. Não sei de que está à espera.

Amanda – Dos outros passageiros, suponho.

Diane – Sabe quantos somos?

Amanda – Uns dez, talvez.

Diane – Dez? Não cabemos dez pessoas neste barco!

Amanda – Nota-se que nunca apanhou o metro na hora de ponta.

Diane – Talvez a surpreenda, mas de facto nunca andei de metro.

Amanda – Trabalha fora da cidade?

Diane – Não. Desloco-me sempre de carro, com motorista.

Amanda – Estou a ver... E trabalha em quê?

Diane – Na área financeira. Não lhe pergunto qual é a sua profissão...

Amanda – Pode perguntar! Não tenho nada a esconder...

Diane – Quer dizer que... no seu trabalho não tem nada a esconder?

Max regressa e vê Amanda.

Max – Ah! Deve ser a Amanda.

Amanda – Sou. Como é que me reconheceu?

Max – Não sei... Intuição masculina, talvez. Digamos que... tem mesmo cara de Amanda.

Amanda – Obrigada... E o capitão como se chama?

Max – Max.

Amanda – Ah, combina consigo.

Max – Acha? Porquê?

Amanda – Não sei... Parece dar o máximo em tudo! Não é, Capitão?

Diane – Bem... Agora que estão feitas as apresentações, podíamos levantar âncora.

Max – Isso é certamente uma maneira de falar, mas num porto nunca se deita âncora. Basta amarrar o barco ao...

Amanda – Ao primeiro cabeço que se encontre no cais.

Max – Exatamente... Portanto, num porto não se levanta âncora. Largam-se as amarras...

Diane – Vamos deixar uma coisa clara, Capitão: não vim fazer um curso de navegação. E, se pudesse, teria apanhado um avião. Então quando é que descolamos?

Max – Assim que chegarem os últimos passageiros, prometo.

Diane – E quando chegam? Não tenho o dia todo! Esperam-me amanhã de manhã numa reunião importante.

Max – Ah, aí estão eles.

Entram Yvonne, uma senhora muito distinta, e Charles, um galã envelhecido com ar de gigolô, que traz as duas malas.

Yvonne – É este o «Empreendedor»?

Max – Não é exatamente a palavra-passe, mas deixemos passar esse pormenor...

Yvonne – Fiz uma reserva há pouco. Em nome de Casanova.

Max – Casanova, perfeitamente. Parece-me um nome de código. Bastante apropriado, diga-se...

Yvonne – Não é nome de código nenhum. Porquê?

Max – Senhor e senhora Casanova, muito bem.

Amanda – Não se pode dizer que estejam à altura de um apelido desses...

Yvonne – É o apelido dele, não é o meu.

Charles – Ainda não somos casados...

Amanda *(a Yvonne)* – Percebo. Está a pensar duas vezes antes de passar a ser a senhora Casanova...

Max – Seja como for, bem-vindos a bordo!

Yvonne – É preciso despachar as malas?

Diane – Cuidado, ele ainda lhe cobra excesso de bagagem.

Max – Isto não é um voo de baixo custo... Vamos considerá-las bagagem de mão.

Yvonne – Charles, deixa as malas ali.

Charles – Imediatamente, meu amor.

Põe as malas num canto.

Max – Hum... Creio que este senhor não constava da lista de passageiros... Pelo menos, ainda não pagou a travessia.

Yvonne – Conte-o também como bagagem de mão.

Max – Não sei se...

Charles – Querida, eu não sou uma mala.

Yvonne – Pois não... Embora às vezes pareças tão vazio como uma. Estou a brincar, Capitão. Pago pelos dois. Como sempre...

Diane – Já que estamos todos, podíamos partir. Apresentamo-nos depois.

Max – Ainda falta um passageiro. Mas paciência, talvez já não venha. Foi o meu primeiro cliente. Na verdade, foi por causa dele que arranjei este barco.

Diane – Então que tivesse chegado a horas. E se arrancássemos a toda a velocidade...

Max – Sei que isso é uma maneira de falar, mas... *(O telemóvel toca.)* Estou?... Sim... Estávamos mesmo a preparar-nos para largar... Daqui a cinco minutos? Está bem... E lembra-se da palavra-passe? Exatamente... E parece que anunciam chuva... Está bem, esperamos, mas despache-se...

Guarda o telemóvel.

Diane – O que foi agora?

Max – É o último, prometo. Está quase a chegar. Não podemos partir sem ele, já pagou adiantado...

Entra Marie, jovem discreta com um crucifixo ao pescoço e visivelmente grávida, um pouco ofegante.

Marie – Vão para o continente?

Max – Sim... Mas, em princípio, já não temos lugares.

Marie – Estou grávida, como pode ver.

Diane – Mais uma razão para não embarcar connosco! Imaginem se começa a dar à luz durante a travessia!

Marie – Ia apanhar o ferry hoje. Estão à minha espera na clínica do outro lado. Aqui não há uma maternidade em condições, compreendem?

Yvonne – Os paraísos fiscais raramente são famosos pelos serviços públicos.

Max – É que... tenho regras de segurança a cumprir.

Marie – Pelo amor de Deus! Por favor...

Charles – Talvez se possa abrir uma exceção. Dado o estado da senhora...

Marie – Tenho dinheiro. Pago a passagem.

Max – Sendo assim... Não vamos deixar a pobre senhora dar à luz no cais.

Marie – Muito obrigada! Que Deus lhe pague... Como se chama, Capitão?

Max – Maximiliano.

Marie – Se nos levar a bom porto, prometo chamar Maximiliano a este bebé, se for rapaz. E Maximiliana, se for rapariga.

Max – Fico muito honrado. Mas não se esqueça de me pagar a travessia.

Marie – Claro. Quanto é?

Max – Quinhentos euros por pessoa.

Marie – Por pessoa?

Amanda – Não vai cobrar também bilhete ao bebé que ela traz na barriga, pois não?

Max – Claro que não. Para o bebé, a viagem é grátis. A senhora paga quinhentos euros.

Marie – Mas... é muito dinheiro, não é?

Max – É por causa do gasóleo.

Charles – Não sabia que o combustível era tão caro nos paraísos fiscais.

Entra Sergio, um homem moreno e atraente, com ar de mafioso.

Sergio – Bom dia, Capitão. Sergio. Fui eu que acabei de telefonar.

Max – Sergio, claro... Só traz essa maleta?

Sergio – Costumo viajar com pouca bagagem. Mas não sabia que haveria mais passageiros... *(Cumprimenta todos.)* Minhas senhoras, meus senhores...

Max – Pensei que seria uma pena não deixar os outros aproveitar a viagem, com esta greve...

Charles – Bom dia. Nós já nos conhecemos, não é verdade?

Yvonne – Cala-te, idiota.

Charles, intimidado, afasta-se.

Charles – Devo estar a confundi-lo com outra pessoa...

Sergio – Confundem-me muitas vezes com outras pessoas. É o drama da minha vida...

Max – Façam favor de se sentar... Desculpem, não contava com tantos passageiros e não há espreguiçadeiras para todos.

Sergio *(indicando Marie)* – Proponho reservar uma para esta senhora. Tendo em conta o seu estado...

Diane – Muito bem... Os outros sentam-se à vez.

Sergio – Cedo-lhe o meu lugar com todo o gosto, se quiser, minha senhora.

Diane – Obrigada... Pelo menos há um cavalheiro neste barco.

Max – Também há dois beliches lá em baixo... mas aviso que cheira um pouco a peixe.

Sergio – Já que estamos todos, podemos partir.

Max – Muito bem. Com licença, vou assumir o comando.

Marie *(benzendo-se)* – Seja o que Deus quiser!

Max coloca-se ao leme, hesitante quanto à manobra a fazer.

Max – Vamos lá! Toda a força à frente!

Sergio – Discretamente, se for possível. Lembro-lhe que, em princípio, devíamos passar pela alfândega antes de sair desta ilha tão acolhedora e regressar ao continente...

Charles – Muito acolhedora para as grandes fortunas, pelo menos...

Yvonne – E para os grandes matrimónios também... Desde que o património fique em nome da mulher!

Diane – Só faltava sermos apanhados pela guarda costeira à chegada. Eu, pessoalmente, não tenho nada a esconder, mas...

Yvonne – Claro... Aqui ninguém tem nada a esconder, não é?

Max – Não se preocupem. Saímos sem dar nas vistas. *(Aciona uma alavanca e, para seu espanto, ouve-se uma sirene estridente.)* Perdão, não era nada isto que queria fazer...

Charles – Uma partida discreta, sem dúvida...

Marie – Vai sozinho ao leme, Capitão?

Max – É um barco pequeno. Basta um piloto.

Marie – Geralmente há um segundo comandante.

Amanda – Pelo menos nos aviões. Se o piloto tiver um ataque, o copiloto assume os comandos.

Max – Mas isto não é um avião. O que é que nos pode acontecer?

Amanda – Os passageiros do Titanic também deviam pensar assim...

Max – Além disso, vejam! Daqui ainda se vê a costa.

Os outros olham para o mar.

Charles – Não vejo nada...

Yvonne – Eu também não...

Sergio – É que anunciaram nevoeiro.

Diane – Desde que não venha uma tempestade...

Sergio *(em voz baixa)* – Ou um tsunami...

Diane – Sabe alguma coisa que nós não saibamos?

Sergio – Não, não. Absolutamente nada...

Max aciona outra alavanca. Desta vez ouve-se o ruído de um motor.

Max – Pronto! Agora é que vamos!

Escuro.

Quadro 2

Max continua ao leme. Sergio não larga a sua maleta. Diane e Amanda dormitavam nas espreguiçadeiras. Charles, Yvonne e Marie, sentados nas malas, esperam com resignação.

Yvonne *(a Charles)* – Não devias estar sentado nessa mala. Vais estragá-la...

Charles – Mas, Yvonne...

Yvonne – Podes parar de contrariar tudo o que digo? É irritante!

Charles – Desculpa... *(Contém-se e levanta-se.)* Pelo menos está um dia lindíssimo.

Yvonne – Sim... Vamos apanhar um belo bronzeado. *(A Marie)* A si vai fazer-lhe bem, minha querida. Está um bocadinho pálida... Sente-se bem?

Marie – Há quanto tempo partimos?

Charles – Há mais de duas horas, não?

Yvonne – E ainda não se vê a costa...

Charles – Mas olha ali!

Yvonne – Ah, sim... Talvez...

Marie – Estou a ficar enjoada.

Yvonne – Quando se está grávida, andar de barco não é muito aconselhável.

Charles – Coitada... Nem sempre podemos escolher. *(Tentando ser simpático.)* E sabe quem é o pai?

Marie lança-lhe um olhar indignado.

Yvonne – Francamente, Charles! Não são perguntas que se façam a uma senhora de respeito...

Charles – Desculpe, exprimi-me mal. Queria dizer... O pai deve estar radiante! É rapaz ou rapariga?

Yvonne – Ora, Charles, o pai é sempre rapaz! O casamento entre pessoas do mesmo sexo não muda isso. É preciso a sementinha...

Charles – Referia-me à criança, minha querida. Rapaz ou rapariga... É o que se costuma perguntar nestas ocasiões, não?

Yvonne – Rapaz ou rapariga... Claro! Estava a brincar. Pobre Charles... Então, é rapaz ou rapariga?

Marie – Não sei... Prefiro que seja surpresa.

Yvonne – Faz muito bem. Eu também não quis saber. Aliás, no meu tempo nem tínhamos escolha. Aceitávamos o que viesse e pronto.

Marie – Os filhos são uma dádiva de Deus.

Yvonne – Pois são... A mim deu-me sete. Sete raparigas. *(Mais baixo, para si.)* Se ao menos tivesse conseguido afogar uma ou duas... Mas acabou por ser o meu marido a morrer. Afogado, por sinal. Se não fosse isso, nem sei quantas filhas mais Deus me teria dado... Acredite, querida, naquela época o melhor método contracetivo era a viuvez...

Charles – Pois... Eram outros tempos... Ainda não havia Internet. A televisão era a preto e branco, mas o mundo já era a cores.

Yvonne – Em que mundo vivemos... Em breve vamos poder escolher o sexo dos filhos, a cor do cabelo, o quociente de inteligência... *(A Marie.)* Acha isso normal? *(Marie não reage.)* O que pensa?

Marie – Dá-me vontade de vomitar.

Yvonne – Acredite, se no meu tempo tivéssemos podido escolher os filhos, hoje o mundo estaria cheio de louros altos com o QI de Einstein.

Charles – Como queriam os nazis.

Yvonne – Sim... E provavelmente tu não estarias cá para contar a história, pobre Charles.

Charles – Felizmente, fomos nós que ganhámos a guerra.

Yvonne – Tu ganhaste a guerra? Coitadinho... Nem consegues matar um mosquito no quarto, quanto mais libertar a Europa dos nazis!

Charles – E o senhor, senhor Serge, o que faz na vida?

Sergio – Sergio.

Charles – Sergio?

Sergio – É o meu nome. Sou da Córsega.

Charles – Ah, muito prazer. Sou o Charles. E o que faz na vida, Sergio?

Yvonne – Não sejas indiscreto, Charles. O senhor já te respondeu: é da Córsega...

Diane e Amanda acordam.

Diane – Desculpem, adormeci um bocadinho.

Amanda – E parece-me que começou por ressonar...

Diane – Isso não a impediu de dormir. Ainda não chegámos?

Amanda – Suponho que nos teriam acordado.

Diane – Capitão! Ainda falta muito?

Max – Não se preocupe, estamos a aproximar-nos.

Amanda – Mas a costa continua sem se ver...

Diane *(olhando para o relógio)* – Isto é inacreditável! Já passaram duas horas e nem sinal da costa!

Max – É um barco pequeno e vamos muito carregados...

Diane – De quem é a culpa? Foi o senhor que vendeu lugares a mais para encher os bolsos!

Max – Só queria ajudar...

Yvonne – Pois... Aproveitando-se da desgraça alheia...

Max – Da desgraça alheia? Também não exageremos...

Yvonne – Há sempre alguém mais rico do que nós, sabe? Não é, Charles?

Sergio – Tem a certeza de que estamos a ir na direção certa?

Max – Direção de quê?

Sergio – Do continente! Tem a certeza de que fica para aquele lado?

Max – Claro que sim! Tenho uma bússola!

Sergio – Já devíamos avistar a costa a esta altura, não acha?

Max – Sim... Não sei bem... *(Baixinho.)* É a primeira vez que faço isto...

Diane – O quê?

Max – Quero dizer... É a primeira vez que faço esta travessia com este barco! Normalmente vou no meu iate. Tem um motor muito mais potente...

Yvonne – Parece que o tempo está a mudar...

Charles – Sim, vem aí uma trovoada.

Max – É só um pouco de nevoeiro. Não se preocupem.

Amanda – Consultou a previsão marítima esta manhã?

Max – Sim, e anunciam nevoeiro...

Amanda – Não estou a falar da palavra-passe! Consultou mesmo a previsão do tempo?

Max – Ah... Não... Para quê?

Marie – Estou maldisposta...

Amanda – Podia ao menos ter visto a previsão!

Max – Decidam-se! Estavam todos com pressa de sair e agora querem que tivesse consultado a meteorologia!

Sergio – Mostre-me essa bússola.

Max – Vejo que reina a confiança... Sei ler uma bússola.

Sergio pega na bússola que Max lhe entrega.

Sergio – Para que lado fica a costa?

Max – A leste. Bem... a nordeste.

Sergio – Leste ou nordeste?

Max – Digamos nordeste. A costa é muito extensa, não há maneira de falhar.

Sergio – A menos que tenhamos ido para o lado oposto...

Sergio roda a bússola em várias direções.

Sergio – Numa bússola, a agulha aponta sempre na mesma direção, não é? Mesmo quando a rodamos?

Max – Evidentemente.

Sergio – Então porque é que a agulha desta gira juntamente com a bússola?

Diane – Isto só pode ser uma brincadeira! É para os apanhados da televisão?

Max – Deixe ver... *(Retoma a bússola e roda-a em todas as direções.)* Merda, tem razão. Parece que a agulha está presa.

Sergio – Portanto, não sabemos para onde vamos...

Max – Antes de sairmos caiu-me das mãos. Deve ter-se estragado...

Diane – Diga-me que não é verdade!

Charles – Podíamos orientar-nos pelo sol, mas com este nevoeiro já nem o vemos...

Marie – Acho que vou vomitar.

Amanda – Vá para a parte de trás, senão, com o vento, ainda levamos todos com o vómito em cima.

Sergio – É verdade, o vento está cada vez mais forte.

Marie sai a correr.

Diane – O senhor é completamente louco!

Max – Peço desculpa... Pensei sinceramente que íamos no rumo certo. Mas também já me estava a perguntar porque não víamos a costa...

Sergio – Tem carta?

Max – Claro! Como toda a gente...

Sergio – Estou a falar de carta de navegador.

Max – É que... estou mais habituado a andar no meu iate.

Sergio – E daí?

Max – Normalmente não sou eu que o conduzo. Tenho tripulação para isso...

Sergio – Portanto, não tem carta de navegador e não percebe nada de navegação.

Max – Não pensei que fosse tão complicado. Com bom tempo, quase se avista a costa francesa a partir deste paraíso fiscal...

Yvonne – Meu Deus... Estamos perdidos... Vamos todos morrer...

Max – Não dramatizemos.

Marie regressa.

Marie – Ah, já me sinto melhor...

Charles – Acha?

Marie – O que se passa? Estão todos com umas caras...

Diane – O capitão não tem carta de navegador e estamos perdidos no mar. É isso que se passa.

Charles – Esperem... Acho que agora vejo mesmo qualquer coisa no horizonte.

Marie – Estamos salvos!

Yvonne – Tens a certeza?

Amanda – Sim... Mas é estranho: parece que a costa vem na nossa direção a uma velocidade espantosa...

Todos olham para o fundo da sala, que representa o horizonte.

Sergio – Não é a costa... É uma onda gigantesca!

Max – Não... Nunca vi nada assim...

Diane – Vem direita a nós!

Marie – Se souberem alguma oração, é agora que a devem dizer...

Escuro.

Quadro 3

Estão todos presentes, apertados uns contra os outros, petrificados.

Charles – Pensei mesmo que íamos todos morrer.

Max – Sim, por pouco não fomos engolidos.

Yvonne – Mas a onda passou por baixo do barco sem o virar.

Marie – É um milagre! Louvado seja Deus!

Diane – Que susto! *(Mais baixo.)* Acho que até tive um orgasmo...

Marie – Pelo menos já não estou enjoada.

Diane – A última vez que senti uma coisa destas foi com o meu chefe. Numa montanha-russa, numa feira popular.

Yvonne – Felizmente não vinham outras ondas atrás.

Sergio – E agora o mar está calmo outra vez.

Charles – Talvez ainda tenhamos hipótese de nos safar...

Começam a descontrair-se e a afastar-se uns dos outros.

Marie – Temos de manter a esperança.

Amanda – Se fomos no sentido errado, basta dar meia-volta, não é?

Sergio – No mar, «dar meia-volta» não é exatamente o mesmo que numa autoestrada.

Marie – O céu está a abrir. Até há um arco-íris... É um sinal de Deus!

Sergio – Agora que vemos o sol, podemos tentar orientar-nos. Como o sol se põe a oeste, basta ir para o lado contrário.

Diane – Então de que está à espera, idiota?

Max – Infelizmente, não é assim tão simples...

Diane – Porquê? Não me diga que o leme também está avariado!

Max – Não, mas estamos quase sem gasóleo...

Diane – O quê? Mas cobrou-nos uma fortuna a todos antes de partir para encher o depósito!

Max – Já percorremos uma boa distância... e eu só enchi o depósito até meio.

Sergio – Até meio?

Max – Achei que chegava para uma travessia de duas horas...

Diane – Está a brincar?

Max – Receio que não.

Yvonne – Aqui estamos nós num barco a meter água, pilotado por um marinheiro de água doce, e prestes a ficar sem combustível.

Sergio – Ouvi bem? O barco está a meter água?

Yvonne – Há pouco desci ao porão à procura de uma casa de banho, que nunca encontrei. Mas pareceu-me ver uma poça enorme na parte de trás.

Amanda – Capitão...?

Max – É só uma pequena fuga. Nada de grave.

Charles – E que pensa fazer? Chamar um canalizador?

Diane – O que precisamos é de pedir socorro.

Max – Talvez não seja preciso entrar já em pânico.

Amanda – Acha que a nossa situação não merece um bocadinho de pânico?

Diane marca um número no telemóvel. Sergio sai.

Diane – Não há rede...

Amanda – Claro que não há rede! Estamos perdidos no alto-mar!

Max – Perdidos... Também não exageremos.

Diane – Vou matá-lo.

Amanda – Suponho que não tem rádio de bordo?

Max – Não vi nenhum. Só um rádio de pilhas antigo.

Charles – Tem a certeza de que esta sucata é sua?

Max – Digamos que... a pedi emprestada a um amigo. Não tive propriamente tempo de o avisar.

Diane – E, ainda por cima, o barco é roubado!

Sergio regressa.

Sergio – Sim, há uma entrada de água na popa. Se não começarmos já a esgotar a água, o barco afunda-se dentro de uma ou duas horas.

Marie – Não pode ser... Digam-me que é um pesadelo e que vou acordar...

Sergio – Vamos organizar turnos para esgotar a água. Entretanto, seria melhor livrarmo-nos de toda a carga desnecessária.

Olham uns para os outros, desconfiados.

Max – Podíamos começar pelas malas...

Yvonne – Pelas malas?

Amanda – Está a brincar!

Sergio – Nem pensar.

Yvonne – Pela minha, é que não!

Diane *(a Max)* – E se começássemos por atirar o capitão borda fora?

Todos dirigem olhares ameaçadores a Max.

Escuro.

Quadro 4

Estão todos presentes, exceto Max e Sergio. Parecem abatidos.

Yvonne – E pensar que podia estar agora a descansar no jacuzzi do meu hotel de cinco estrelas, naquela ilha paradisíaca que deixámos, a beber um cocktail exótico... Em vez de morrer de sede nesta sucata.

Charles – É verdade... No fundo, nem tínhamos assim tanta pressa. Não havia nada tão urgente para fazer.

Yvonne – Fala por ti! Tu nunca tens nada para fazer! Eu tinha consulta com o meu cirurgião numa clínica exclusiva...

Charles – Mas é só uma pequena lipoaspiração. Não é uma operação de coração aberto...

Yvonne – Uma pequena lipoaspiração? Já foste submetido a alguma, por acaso?

Charles – Não. Pelo menos, não a esse tipo...

Yvonne – Então falamos quando souberes do que se trata!

Charles – Desculpa...

Yvonne – Coitadinho... Às vezes pergunto-me o que estamos a fazer juntos...

Charles *(baixinho)* – Eu também...

Yvonne – E ainda respondes?

Diane – Podem calar-se de uma vez por todas?

Yvonne – Ora esta! Quem pensa ela que é?

Diane – Se fosse a si, Charles, já a tinha atirado borda fora.

Amanda – Sempre era um peso a menos.

Diane – Mas o senhor é demasiado mole para isso, coitadinho.

Charles – Agradecia que parassem todos de me chamar «coitadinho». Começa a irritar-me.

Diane – Desculpe... Mas se tivesse dinheiro seu, provavelmente não precisava de aturar esta megera.

Amanda – No fundo, fazemos o mesmo trabalho, eu e o senhor, Charles. A profissão mais antiga do mundo. Só que eu trabalho à peça e o senhor tem contrato sem termo...

Yvonne – Por enquanto, está antes à experiência...

Charles *(a Amanda)* – E deixe de me chamar coitadinho. Por acaso eu lhe chamo «gorda»?

Amanda – Olhe que quem vai acabar borda fora é este homenzinho!

Amanda avança, ameaçadora, na direção de Charles. Yvonne interpõe-se e Charles esconde-se atrás dela.

Yvonne – Tire as mãos! Se alguém atirar este anão borda fora, serei eu!

Max regressa com Sergio e interrompe o confronto.

Sergio – O motor acabou de parar. Ficámos sem combustível.

Marie – Jesus, Maria e José... Vamos todos morrer...

Max – Lamento imenso... Pensei que meio depósito chegaria e sobraria.

Diane – E o que tencionava fazer ao resto do dinheiro? Pagámos quinhentos euros cada um! Não tinha o suficiente para atestar o depósito?

Max – É uma longa história...

Sergio – Talvez não seja a altura certa para a contar.

Diane – Tem razão. É melhor concentrarmo-nos em encontrar uma solução.

Amanda – Uma solução? A sério?

Diane – Vamos fingir que estamos num jogo! Um «escape game»!

Amanda – Num quê?

Marie – Um daqueles jogos em grupo que as empresas usam nos encontros de equipa. Fecham as pessoas numa sala e elas têm de descobrir juntas como sair.

Charles – E o que é que sugere? Estou a concentrar-me há uma hora. Já dei tudo o que tinha.

Amanda – Se bastasse concentrarmo-nos, já não estávamos neste barco à espera de ir ao fundo...

Yvonne *(a Diane)* – Se tem alguma ideia para nos tirar daqui, senhora sabe-tudo, faça favor de a partilhar.

Diane – Não sei... Os telemóveis não funcionam... E se atirássemos uma garrafa ao mar com uma mensagem lá dentro?

Charles – Brilhante...

Sergio – E o que escreveria nessa mensagem para que as equipas de salvamento soubessem onde estamos?

Diane – Era só uma ideia...

Amanda – Uma ideia de merda.

Diane – Talvez, mas num «brainstorming» não devemos censurar-nos. Às vezes só encontramos uma boa ideia depois de dizer vinte disparates.

Amanda – Nesse caso, já esgotou a sua quota há muito. Está na altura de apresentar uma ideia genial.

Sergio – Volte à realidade, Diane. Não estamos num seminário de empresa. Estamos num barco prestes a afundar-se!

Amanda – Se perdermos esta vida, não temos outra. É «game over», acabou-se.

Marie – E se rezássemos todos juntos? Talvez Deus nos ajude...

Consternação geral.

Yvonne – Pois, e porque não uma procissão?

Charles – Ou um sacrifício humano...

Max – Muito bem. Dissemos que tínhamos direito a vinte disparates...

Sergio – A menos que Deus consiga transformar água em gasóleo...

Max – Nesse caso, basta ir ao porão. Já lá temos água pelos joelhos... Por falar nisso, alguém devia voltar a esgotá-la...

Ninguém reage.

Charles – Para começar, podíamos içar um sinal de socorro. Se um helicóptero da polícia passar por aqui, fica a saber que estamos em perigo.

Marie – Sim, façamos isso...

Silêncio embaraçado.

Yvonne – Por outro lado, nem todos estamos exatamente numa situação legal...

Diane – Também não somos imigrantes clandestinos!

Yvonne – Mesmo assim, se a polícia nos mandasse abrir as malas...

Amanda – Eu não tenho nada a esconder.

Yvonne – Ah, não? Então abra a sua mala e mostre-nos o que traz.

Amanda – Não recebo ordens suas.

Max – Quando alguém sai de um paraíso fiscal a bordo de um barco de pesca, não é necessariamente peixe que traz na bagagem.

Amanda – Então? Preferem que morramos todos afogados?

Hesitação geral.

Sergio – Está bem. Eu trato do sinal.

Sai.

Marie – Estou a ficar cheia de sede.

Charles – Morrer de sede rodeados de água... Que situação absurda!

Diane – É a única coisa que acha absurda nesta situação?

Yvonne – Ninguém lhe perguntou nada.

Max – Calma, tenho algumas garrafas no porão.

Charles – Afinal, tinha quase tudo previsto, Capitão...

Diane – Quantas garrafas?

Max – Duas.

Yvonne – Grandes?

Max – De trinta e três centilitros.

Charles – Ah, assim já estamos muito mais descansados...

Diane – A quinhentos euros por passagem, podia ao menos ter previsto algumas bebidas...

Amanda – Duas garrafas de trinta e três centilitros fazem sessenta e seis centilitros.

Yvonne – Muito bem, pelo menos sabe somar...

Amanda – Somos sete. Nem chega a dez centilitros por pessoa.

Marie – Temos de racionar. Acho que as grávidas deviam ter prioridade.

Diane – Ah, sim? Porquê?

Charles – E que ideia foi essa, vir passar férias a esta república das bananas estando grávida? O que veio cá realmente fazer?

Marie – Por acaso faço-lhe perguntas? E o senhor, veio passar a lua de mel? Numa ilha do tamanho de três campos de futebol, mas com cinco bancos por metro quadrado...

Silêncio.

Max – A propósito, sabiam que o ponto mais alto do micro-Estado de onde saímos fica a apenas três metros acima do nível do mar?

Amanda – Não, nem queremos saber.

Yvonne – Ninguém vem a um paraíso fiscal para esquiar. Vem para esconder o dinheiro.

Diane – Na Suíça pode fazer as duas coisas.

Sergio regressa.

Sergio – Já icei o sinal de socorro. Mas, se não quisermos ir ao fundo antes de sermos salvos, alguém tem mesmo de voltar a esgotar a água.

Max – Dissemos que as grávidas ficavam dispensadas. Portanto, agora é a sua vez, Yvonne.

Yvonne – O Charles vai por mim.

Charles – Porquê eu?

Yvonne – Porque sou eu que te sustento, idiota! É por isso!

Charles – Está bem... Vou por cavalheirismo... Mas também não gosto que me chamem idiota.

Yvonne – Coitadinho...

Charles sai, esforçando-se por não responder.

Max – Se conseguirmos sair daqui, prometo devolver-vos metade do preço da viagem.

Diane – E ainda goza connosco! Se sairmos desta, seu vigarista, vai ter de responder perante o meu advogado!

Max – Tem a certeza?

Diane – O que está a insinuar?

Max – Todos temos um bom motivo para estar neste barco. E para querer chegar ao continente sem passar pela alfândega. Todos, incluindo a senhora...

Diane – O que lhe permite afirmar isso?

Max – Caso contrário, nunca teria pago tanto pela travessia. E não estaria assim tão agarrada à sua mala...

Sergio – Lembro-lhe que a companhia dos ferries está em greve.

Max – A greve... Tem as costas largas, a greve. Mais parece que os ratos estão a abandonar o navio... e a levar a prataria.

Sergio – Quem me dera conseguir abandonar este maldito navio...

Max – O navio é uma maneira de falar. Quero dizer, a ilha. Aquele refúgio de milionários sem pátria. Porque estavam todos tão desejosos de sair de lá?

Diane – Isso não lhe diz respeito. Queríamos voltar ao continente o mais depressa possível. Os ferries estavam em greve, apanhámos o primeiro barco que saiu...

Marie – No Titanic, é importante escolher bem o salva-vidas... E parece-me que fizemos uma péssima escolha...

Max – Estamos todos no mesmo barco, é certo. Mas não pelas mesmas razões. Gostava de saber qual destas malas leva mais dinheiro... A minha é que não, de certeza.

Diane – Mesmo que não tenha nada de comprometedor na sua bagagem, Capitão, lembro-lhe que o transporte clandestino de passageiros é crime.

Marie – Sobretudo quando não se tem sequer carta de navegador.

Diane – Se a guarda costeira nos resgatar, podemos ter problemas...

Yvonne – Desde que não sejam piratas a salvar-nos...

Sergio – Bom... Com piratas ainda podíamos negociar.

Yvonne – E ao menos não acabávamos na prisão.

Marie – Se a alternativa é acabar no fundo do mar, devorados por tubarões...

Silêncio embaraçado.

Yvonne – Então, que fazemos, além de tirar água?

Sergio – Que podemos fazer? Não temos combustível. Só nos resta ir à deriva, na esperança de que o vento ou as correntes nos levem de volta à costa.

Marie – É tudo o que tem para propor?

Sergio – Eu não sou o capitão, está bem? Perguntem ao imbecil que nos trouxe para alto-mar num barco prestes a afundar-se.

Todos olham para Max, que prefere manter-se discreto.

Yvonne – Eu estou a começar a ter fome.

Max – Desculpem, não contei servir refeições. A travessia devia levar poucas horas. Só há um pacote de bolachas já aberto no porão.

Yvonne – Acho que as pessoas mais gordas deviam ter prioridade. Precisam de comer mais.

Marie – A não ser que precisem de emagrecer. E, já agora, eu estou mais gorda do que a senhora!

Yvonne – Quando acabarem as bolachas, talvez tenhamos de começar a comer-nos uns aos outros. Como na «Jangada da Medusa».

Marie – Pois. Tiramos à sorte quem vai ser comido primeiro. Como na canção.

Max – Que canção?

Marie começa a cantar uma velha canção infantil francesa.

Marie – «Il était un petit navire, il était un petit navire...»

Yvonne olha para a barriga arredondada de Marie.

Yvonne – Na canção, acabam por comer o mais novo...

Marie – Então esperemos que eu não tenha o bebé aqui no barco.

Silêncio pesado.

Sergio – Seja como for, Max, há uma coisa que não entendo.

Max – Ah, sim?

Sergio – Agora é a minha vez de fazer uma pergunta.

Max – Sou todo ouvidos.

Sergio – Há maneiras mais eficazes de ganhar dinheiro do que conduzir um barco de pesca sem carta.

Diane – Sobretudo quando se é tão rico como o senhor afirma ser.

Sergio – Porque se meteu a transportar clandestinamente passageiros se nem sabe conduzir um bote?

Max – Já vos disse que é uma longa história.

Sergio – Neste momento, não temos nada melhor para fazer do que ouvi-la.

Max – Como sabem, a companhia de ferries que liga esta ilha ao continente está em greve...

Yvonne – Isso já percebemos. Se não fosse assim, o que estaríamos nós a fazer nesta desgraça?

Max – Os empregados pararam quando souberam que a companhia tinha sido vendida a um grupo financeiro que anunciou despedimentos em massa.

Diane – E que tem o senhor a ver com isso?

Max – Sou o dono da companhia de ferries. Ou melhor... era.

Diane – Então é o senhor...?

Yvonne – Conhece-o?

Diane – Digamos que... ouvi falar desta aquisição.

Sergio – E porque vendeu a companhia?

Max – Fiz maus investimentos. Depois cometi umas quantas irregularidades para tentar recuperar as perdas. Fiquei na ruína. O banco aproveitou-se e comprou-me a empresa por uma ninharia.

Sergio – E aceitou?

Max – Ou aceitava ou ia diretamente para a cadeia.

Marie – Isso não explica como foi parar a um barco de pesca roubado.

Max – Os marinheiros em greve tinham-me fechado no escritório. Quase fui linchado. Consegui escapar, mas achei melhor deixar a ilha quanto antes. Então... pedi emprestado um barco de pesca que estava em doca seca.

Sergio – Provavelmente para consertarem esta entrada de água...

Max – Nem dinheiro tinha para encher o depósito. E precisava de algum numerário para sobreviver no continente até a sorte mudar.

Diane – Estou a ver...

Max – Deixei o meu adjunto a assinar o contrato de venda com a negociadora do banco. Também quase a lincharam.

Diane – Eu sei...

Max – Como é que sabe?

Diane – Fui eu que assinei o contrato em nome do banco.

Max – É a negociadora da Continental Finances? Aquela a quem chamam «a Tubarão»?

Diane – A própria.

Max – Que ironia... Então, de certa maneira, salvei-lhe a vida.

Diane – Não exagere. Estamos perdidos no mar, sem combustível e prestes a naufragar.

Max – E não sei o que me impede de a atirar borda fora. Os seus maus conselhos arruinaram os meus investimentos! E depois comprou-me a empresa por uma ninharia!

Diane – Limitei-me a cumprir ordens da direção. Os tempos são difíceis para toda a gente. É a crise...

Marie – É curioso... O mundo está em crise desde que Deus o criou. E, no entanto, os ricos são cada vez mais ricos.

Max *(a Diane)* – É melhor ir esgotar a água... antes que ceda a impulsos homicidas dos quais possa arrepender-me.

Max sai. Silêncio pesado.

Yvonne – Tire-me só uma dúvida, senhora «Tubarão»... Ele falou dos seus conselhos que o arruinaram... Espero que a mim me tenha dado conselhos melhores. Também entreguei todos os meus investimentos à Continental Finances.

Diane – Não se preocupe. Somos líderes mundiais na gestão de patrimónios por alguma razão.

Sergio – A menos que o seu banco tenha enriquecido à custa de arruinar os clientes mais crédulos.

Yvonne parece cada vez mais preocupada. Charles regressa.

Sergio – Já acabou de esgotar a água? O porão está seco?

Charles – Já não vale a pena. Entra demasiada água...

Marie – Então é o fim. Só nos resta rezar...

Charles – Faz alguma coisa, Yvonne!

Yvonne – E o que queres que faça, idiota? Só sei resolver problemas que se resolvam com um livro de cheques.

Sergio – Desta vez, duvido que os cheques ajudem.

Desânimo geral.

Yvonne *(a Charles)* – E para de roer as unhas. Irrita-me.

Charles – Deixa-me em paz! Roo as unhas se me apetecer!

Amanda – Ora... Não costumava falar-lhe assim, pois não?

Charles – Antes sonhava casar-me com uma milionária. Mas para que me serve casar com uma milionária que vai morrer? Sobretudo se eu morrer com ela.

Marie remexe-se, desconfortável.

Marie – Isto é um suplício...

Sergio – Não vai dar à luz agora, pois não? Era só o que faltava...

Marie – Não se preocupe. Não há qualquer risco...

Max regressa.

Max – Não consegui apanhar rede no telemóvel, mas ouvi a previsão marítima num velho rádio de pilhas que encontrei no porão.

Diane – E então? Continuam a anunciar nevoeiro?

Max – Não. Dizem que um tsunami acabou de devastar o paraíso fiscal de onde partimos.

Marie – Um tsunami?

Max – De dimensões suficientes para submergir completamente a ilha, dada a sua baixa altitude.

Marie – Meu Deus! Foi aquela onda enorme que quase nos engoliu há pouco.

Max – Não conseguiram avisar ninguém a tempo. Não há sobreviventes...

Amanda – Que horror!

Marie – Deve ter sido um castigo divino. Jesus expulsou os mercadores do templo. E Deus destruiu Sodoma e Gomorra...

Max – Para nós foi um milagre... Se não tivéssemos partido às pressas, teríamos morrido todos afogados.

Sergio – Sim... Que feliz coincidência...

Yvonne *(a Max)* – Resumindo, ao embarcar-nos nesta sucata, salvou-nos a vida...

Max – É um facto.

Diane – Vamos passar a chamar-lhe Noé.

Amanda – Sim... Na sua arca levou um exemplar do pior da humanidade, para garantir a sobrevivência da espécie depois do dilúvio.

Charles – Escapámos ao dilúvio, mas infelizmente a nossa arca mete água pela popa.

Sergio – E, se não alcançarmos terra depressa, vamos ao fundo.

Marie – Esperemos que os meios de salvamento a caminho da ilha nos avistem e nos venham socorrer.

Yvonne – E com sorte, dadas as circunstâncias, nem se lembram de revistar as nossas malas...

Charles – Como se costuma dizer... Há males que vêm por bem.

Yvonne – Não tens outras frases feitas igualmente idiotas?

Charles – A desgraça de uns é a sorte de outros, se preferires.

Yvonne – Preferia que te calasses.

Amanda – Não vão começar outra vez, pois não?

Yvonne – E a senhora, afinal, o que está aqui a fazer? Não tem ar de quem esconde fortunas num paraíso fiscal. Quanto à sua suposta profissão, a mais antiga do mundo, duvido que os hotéis de cinco estrelas sejam o seu mercado habitual.

Amanda – Não se fie nas aparências. Veja o seu caso, por exemplo. É a prova viva de que ter fortuna e ter classe são coisas diferentes.

Yvonne – Não me convencem de que a senhora pertença a este meio. Quem é realmente, e o que esconde nessa mala ridícula?

Amanda – Nem pense tocar-lhe.

Yvonne – Já não temos nada a esconder uns dos outros. Porque não nos mostra o que há na mala?

Sergio – Abra-a. Nesta altura...

Amanda – Nem pensar.

Yvonne – Vá, Charles, abre-lhe a mala.

Charles – Não sei se devo...

Yvonne – Abre-a, já te disse!

Charles – E se estiver armadilhada?

Yvonne – Porque achas que te mandei abri-la, idiota?

Charles – Está bem...

Avança, pouco convencido, na direção de Amanda.

Amanda – Deixem estar... Abro-a eu.

Amanda abre a mala e tira de lá uma pistola, que aponta a Charles.

Amanda – Não vos aconselho a aproximarem-se!

Sergio – Anda com essa artilharia toda para defender a sua virtude?

Amanda – Confesso... Não sou quem vocês pensam...

Charles – Então quem é? E o que faz?

Yvonne – Tráfico de armas? Terrorismo?

Amanda – Sou polícia. Da brigada de crimes financeiros. Estava infiltrada aqui para vigiar os vossos negócios pouco limpos e apanhar-vos em flagrante.

Max – E que vai fazer agora? Prender-nos a todos no porão?

Amanda baixa a arma.

Amanda – Tem razão. Agora não serve de nada. Vamos morrer todos... Para quê continuar a brincar aos polícias e ladrões?

Escuro.

Quadro 5

Estão todos presentes, exceto Diane. Têm a roupa desarranjada e estão bronzeados, alguns até com queimaduras solares.

Yvonne – Estou mesmo a começar a ficar com fome.

Marie – Podíamos pescar... Afinal, estamos num barco de pesca.

Sergio – Não vejo redes nenhumas.

Charles – Alguém sabe pescar?

Max – Sei, pesca grossa. No meu iate. Com uma equipa de profissionais. Mas aqui...

Yvonne – Acham que vamos acabar no canibalismo?

Charles – Em caso de necessidade extrema, não é crime.

Sergio – É crime se tivermos de matar a pessoa antes de a comer...

Yvonne – Então esperamos que alguém morra de causas naturais.

Charles – Se não nos salvarem depressa, não deve faltar muito.

Diane entra, muito entusiasmada.

Diane – Pesquei um peixe!

Max – Como é que conseguiu?

Diane – Com um camaroeiro.

Max – Onde arranjou um camaroeiro?

Diane – Fiz um com um cabo de vassoura e... as minhas cuecas.

Sergio – E conseguiu apanhar um peixe com isso?

Diane – Sim... Não se mexia. Estava de barriga para cima. Devia estar a dormir.

Amanda – Os peixes dormem?

Diane – Talvez estivesse a fazer uma sesta.

Sergio – Ou talvez estivesse morto.

Diane – Realmente, quando o tirei da água... tinha um cheiro esquisito.

Charles – Tem a certeza de que era o peixe?

Yvonne – Charles, por favor...

Charles – Desculpem, deve ser do sol. Estou quase com uma insolação.

Sergio – E o que fez ao peixe?

Diane – Comi-o!

Silêncio consternado.

Marie – Acho que desta vez batemos no fundo.

Charles – Expressão com um significado especial quando dita num barco que está prestes a ir ao fundo.

Yvonne – Agora deu-lhe para fazer frases... Tens razão, deve ser do sol...

Pausa.

Sergio *(a Yvonne e Charles)* – E vocês? Porque vieram à ilha?

Charles – Viemos fazer um reconhecimento para a lua de mel. Primeiro pensámos nas Bahamas, mas hoje em dia já são tão banais...

Yvonne – Deixa-te disso, coitadinho. Nesta altura posso contar a verdade.

Charles – Pensava que era a verdade...

Yvonne – Venho a este paraíso fiscal duas vezes por ano para pôr as minhas poupanças em segurança.

Sergio – Não me diga que as malas estão vazias...

Yvonne – Trago dinheiro e volto com títulos ao portador...

Sergio – E este ano correu-lhe bem a pesca? O que leva nas redes? Quer dizer, na mala... É enorme.

Yvonne – Obrigações do Tesouro emitidas pelo micro-Estado que administra esta ilha.

Diane – A sério? E quem lhe aconselhou essa compra?

Charles – A Continental Finances. Porquê?

Diane – Digamos que... depois de o tsunami ter varrido aquela república das bananas do mapa, as obrigações já não valem nada.

Yvonne – Tem a certeza?

Diane – Não ouviu? A ilha deixou de existir. Foi literalmente apagada do mapa.

Charles – O quê? Então estás arruinada, Yvonne...

Diane – A companhia dos ferries que acabámos de comprar também já não vale grande coisa... Pelo menos acabou-se o problema da greve. Mas há que manter a esperança: os marinheiros podem ter morrido afogados, mas talvez os barcos continuem a flutuar.

Marie – É uma tragédia terrível... Pelo menos nós ainda estamos vivos. Por enquanto.

Max – Bem, Yvonne, agora é a sua vez.

Yvonne – A minha vez?

Max – De esgotar a água!

Yvonne – Charles, agora vais tu.

Charles – Nem pensar. Estou farto. Não sou teu criado.

Yvonne – Não estás a falar a sério, pois não?

Charles – Há anos que sou o teu saco de pancada, na esperança de um casamento que me tornasse teu herdeiro. Mas estás arruinada e vamos morrer todos. Que diferença faz agora?

Max *(a Yvonne)* – Então, vai ou não vai?

Yvonne – Para quê? Ele tem razão. Vamos todos morrer. Mais cedo ou mais tarde... Não vale a pena cansarmo-nos.

Marie – Nesse caso... só nos resta entregarmo-nos nas mãos de Deus...

Silêncio.

Amanda – E a senhora, Virgem Maria? O que veio realmente fazer a esta ilha?

Marie – Digamos que... também tenho os meus negócios.

Yvonne – Que tipo de negócios?

Amanda – Já não vale a pena fingir. Recordo-vos que sou polícia. Sei muito bem o que se passa.

Marie – Ah, que se lixe! Já não aguento esta coisa...

Tira a barriga falsa.

Sergio – O que é isso?

Marie – Cocaína.

Yvonne – E pensar que usou a falsa gravidez para não esgotar a água do porão e para beber primeiro a pouca água potável que nos resta...

Charles – Então era ela que vinha prender?

Amanda – Entre outros. Neste barco tenho por onde escolher, não é verdade?

Todos olham para ela.

Marie – Está a arriscar-se, minha querida...

Amanda – Ah, sim?

Yvonne – Está sozinha. Nós somos seis.

Diane – Podemos sentir-nos tentados a livrar-nos de si.

Sergio – Nas circunstâncias atuais, não seria surpreendente que nem todos sobrevivêssemos...

Yvonne – Tenho tanta fome... E se a comêssemos a ela?

Avançam um passo na direção de Amanda, que volta a puxar da pistola.

Amanda – Estão a esquecer-se de que tenho uma arma...

Charles – Está bem.

Ficam imóveis e recuam cautelosamente.

Marie – E o senhor, Sergio? O que traz na maleta? Uma bomba atómica em miniatura?

Sergio – Não. Mas é quase tão explosivo...

Charles – Ou já disse demais ou ainda não disse o suficiente. O que é?

Sergio – Fundos secretos de campanha. Doados por pessoas inteiramente desinteressadas... *(Indica Yvonne.)* Como esta senhora.

Charles – Não sabia que eras tão generosa, querida...

Yvonne – Mesmo desinteressada, uma pessoa pode esperar uns favores em troca se o nosso querido presidente for reeleito. E então? Preferias que a esquerda voltasse ao poder?

Max *(a Sergio)* – Agora percebo... Também por isso queria evitar a alfândega...

Charles – É impressionante como os ricos se apoiam uns aos outros quando está em causa a defesa dos seus privilégios...

Sergio – Cumpro ordens. O presidente mandou-me recuperar urgentemente os fundos que o seu comité de campanha tinha depositado neste paraíso fiscal.

Marie – Urgentemente... Portanto, sabia do tsunami, não sabia?

Sergio – Enquanto comandante supremo das forças armadas, o presidente tem acesso privilegiado à previsão marítima.

Marie – Estava preocupado com o dinheiro da campanha. Mas não avisou mais ninguém da onda gigantesca que varreu a ilha e os habitantes...

Sergio – Não havia lugares para todos nos barcos. Só alguns privilegiados foram avisados.

Marie – Os seus generosos doadores, por exemplo. Quem financia a campanha.

Max – Sim... Como a senhora, Yvonne.

Charles – Então tu também sabias?

Yvonne – Devias agradecer-me, idiota! Afinal, salvei-te a vida...

Charles – Só tinhas reservado um lugar, para ti! Se eu não te tivesse alcançado no átrio do hotel quando fugias à pressa...

Amanda – Se serve de consolo, eu também não sabia. E sou da polícia. Se não tivesse resolvido seguir esta gente, tinha sido levada pelo tsunami...

Charles – Talvez fosse isso que o presidente queria. Enterrar a investigação juntamente com a investigadora... *(A Diane.)* E a senhora também sabia?

Diane – Não... Mas o meu chefe estava claramente a par. Agora percebo porque tinha tanta pressa em fechar a conta naquele paraíso fiscal e me mandou trazer o dinheiro em notas.

Max – Esquecendo-se de a avisar de que podia morrer num tsunami.

Diane – E eu que confiava plenamente nele... Que desilusão...

Sergio – Confiar no diretor de um dos maiores bancos do mundo? A sua ingenuidade espanta-me, querida.

Charles – E pensar que lhe chamam «a Tubarão»...

Diane – Julgava que até os tubarões tinham uma família, que eu fazia parte dela e que os tubarões não se devoravam uns aos outros...

Sergio – Pois agora já conhece os limites da solidariedade entre os verdadeiros multimilionários e quem os serve na esperança de receber umas migalhas do banquete.

Max – Como dizia um dos nossos grandes filósofos: «Quando as gaivotas seguem um barco de pesca, é porque esperam que lhes atirem sardinhas.»

Sergio – Não conhecia essa citação... Quem é o filósofo?

Max – Éric Cantona. Um futebolista.

Marie *(a Sergio)* – Podia ao menos ter avisado os marinheiros em greve. Nessas circunstâncias, tinham voltado logo ao trabalho...

Sergio – Podíamos ter feito isso, sim...

Marie – Mas...?

Sergio – O chefe de Estado daquela república das bananas foi outrora amigo do nosso país. Sobretudo um amigo pessoal do presidente. E muito generoso. Infelizmente...

Max – Imagino que esse amigo se tenha tornado incómodo...

Sergio – Não posso dizer mais. É uma questão de razão de Estado.

Max – Seja como for, o problema está resolvido...

Sergio – Graças a Deus.

Max – E à previsão marítima...

Escuro.

Quadro 6

Estão todos presentes, exceto Marie. Têm cada vez mais o aspeto de náufragos. Marie entra, excitadíssima, com uma garrafa de água em cada mão.

Marie – É um prodígio! Ontem tínhamos duas garrafas de água e hoje de manhã temos quatro.

Amanda – A multiplicação das garrafas... Uma intervenção divina, sem dúvida?

Max – Não, mas não deixa de ser um pequeno milagre. Choveu esta noite e consegui encher umas garrafas vazias.

Charles – Não sabia que chovia em alto-mar.

Max – Isso surpreende-o?

Charles – Sim. Não sei porquê...

Max – Pelo menos não morremos já de sede.

Charles – Sabe porque é que a água do mar é salgada, Capitão?

Max – Não... E o senhor?

Charles – Também não...

Yvonne – Tens a certeza de que não apanhaste uma insolação, pobre Charles? Devias pôr um chapéu.

Charles – Se a água do mar não fosse salgada, imaginam quantos problemas se resolviam no mundo?

Amanda – Ele vai continuar a chatear-nos durante muito tempo?

Diane – Quanto à fome, felizmente temos estes peixes mortos que andam a vir à superfície...

Sergio – Afinal, a poluição dos oceanos também tem vantagens.

Marie – A menos que acabemos todos envenenados. Como os peixes doentes, meio podres, que somos obrigados a comer.

Diane tira um desses peixes e dá-lhe uma dentada.

Diane – Nem é assim tão mau.

Amanda – Pois... Uma pessoa habitua-se.

Yvonne – Acho que já perdi uns dez quilos.

Charles – Estás a ver? Afinal, a lipoaspiração pode esperar mais um bocadinho...

Amanda – Vou ver se consigo apanhar mais alguns...

Amanda afasta-se. Os outros continuam a mastigar os seus peixes. Amanda regressa a correr.

Amanda – Já está! Vejo a costa!

Diane – Não pode ser!

Amanda – Vejam com os vossos olhos!

Todos olham.

Yvonne – Não será uma miragem?

Max – Caramba! É mesmo verdade!

Charles – Terra! Terra! Sinto-me como Cristóvão Colombo a descobrir a América!

Marie – Espero que não tenhamos andado tão longe à deriva, mas... Graças a Deus, estamos salvos!

Max – Já era tempo. Mesmo esgotando a água de dia e de noite, o barco afundava-se cada vez mais.

O ambiente descontrai-se imediatamente e todos voltam a sorrir.

Diane – Ufa... Finalmente, vamos reencontrar a civilização.

Max – Pena termos perdido tanto dinheiro.

Yvonne – E alguns quilos.

Max – Havemos de recuperar. Uma vez rico, sempre rico...

Sergio – Sim... A menos que acabemos na prisão.

Todos olham para Amanda.

Amanda – Prometo que não direi nada. Depois de tudo o que passámos juntos...

Yvonne – Obrigada.

Amanda – Mas o presidente safou-se muito bem, não acham?

Sergio – Parece-me ouvir uma insinuação... Talvez mesmo uma tentativa de chantagem e extorsão.

Amanda – Não é preciso usar logo palavras tão fortes... Mas uma pequena gratificação pelos serviços prestados à pátria... e pela minha discrição não me faria mal nenhum.

Max – E nós também não recusávamos uma indemnização. Com todo o dinheiro que perdemos nesta catástrofe ambiental...

Yvonne – O senhor, que tem acesso direto ao presidente, não podia arranjar-nos uma declaração oficial de vítimas de catástrofe natural?

Marie – Entre nós, se contássemos o que sabemos... a reeleição do vosso presidente ficaria seriamente comprometida.

Sergio – Entre pessoas civilizadas, tudo se pode negociar...

Max – E porque não uma pequena medalha? Graças ao meu heroísmo, salvei várias vidas.

Sergio – Falarei com o presidente.

Todos voltam a olhar na direção da costa.

Max – O vento está a nosso favor, estamos a aproximar-nos. Agora basta esperar...

Yvonne – É estranho... Não se parece muito com a costa francesa.

Charles – Pois não... Com tantas palmeiras...

Amanda – Pelo menos não estamos na Bretanha.

Sergio – E a bandeira que está no porto não é a francesa.

Charles – Que bandeira será? A da Córsega?

Sergio – Vem aí um barco. Podemos perguntar-lhes.

Marie – É só uma grande barca, com mais de cem pessoas lá dentro.

Yvonne – Parecem migrantes.

Charles – Mas porque estariam a sair de França em direção ao alto-mar?

Diane – Agora consigo ver melhor a bandeira.

Marie – Parece um pouco a de Marrocos...

Max – Que bandeira é aquela?

Amanda *(a Sergio)* – O senhor percebe de bandeiras, não percebe?

Charles – Espero que não seja a da Palestina...

Sergio – Pior...

Yvonne – O que pode ser pior do que desembarcar na Faixa de Gaza?

Sergio – É a bandeira da Líbia...

Ficam todos paralisados de espanto.

Escuro.

Quadro 7

Estão todos presentes, atónitos, a olhar para o fundo da sala, que representa aquela costa pouco acolhedora.

Amanda – Agora vê-se perfeitamente a praia.

Yvonne – Sim, mas não sei se há razão para festejar.

Marie – Já conseguimos distinguir-lhes os rostos.

Max – E as Kalashnikovs...

Charles – Alguns até parecem estar a rir-se.

Diane – Vão ficar admirados quando nos virem, de certeza.

Sergio – Normalmente, o tráfico faz-se no sentido contrário.

Marie – Um grupo de europeus a desembarcar na costa da Líbia com malas cheias de notas, títulos do Tesouro e pacotes de cocaína...

Max – Talvez seja melhor deitar isso tudo ao mar, não?

Yvonne – Atirar o nosso dinheiro borda fora?

Sergio – Podíamos dar-lhes os seus títulos ao portador. Já não valem nada.

Diane – Se nos encontrarem com tanto dinheiro, vão matar-nos para nos roubar.

Sergio – Mas se desembarcarmos de mãos vazias, esfarrapados e quase mortos de fome, também não vão perceber nada... e podem ficar igualmente irritados.

Marie – Vai ser difícil fingir que somos migrantes europeus a tentar pedir asilo político na Líbia.

Max – Podemos sempre contar-lhes a verdade.

Amanda – Nunca vão acreditar.

Marie – De facto, é uma história difícil de acreditar.

Max – Pois é...

Toca um telemóvel. É o de Sergio, que atende.

Sergio – Estou?... Sim, senhor presidente. Muito bem, senhor presidente. Obrigado, senhor presidente.

Guarda o telemóvel.

Yvonne – Então?

Sergio – Era o presidente.

Marie – E então?

Sergio – As nossas forças aéreas, que estão a operar nesta região, localizaram-nos. Vão enviar-nos um helicóptero.

Ouve-se o ruído de um helicóptero de reconhecimento que se aproxima e volta a afastar-se.

Marie – Deus existe!

Yvonne – Estamos salvos! Espero que desta vez seja a sério...

Charles – Já chega de tantas reviravoltas. Esta comédia já durou o suficiente.

Sergio – Não se preocupem. Desta vez os nossos problemas acabaram mesmo.

Amanda – É um final de filme do faroeste, não? Com a cavalaria a chegar...

Marie – O importante é que tudo acaba bem.

Diane – Sim... Um verdadeiro conto de fadas.

Max – Até podia acabar com um casamento... Na qualidade de capitão, tenho poderes para celebrar a cerimónia.

Charles – Bem, vou arriscar... *(Ajoelha-se diante de Yvonne.)* Yvonne, queres casar comigo?

Yvonne – Vai-te lixar!

Amanda – Parece que desta vez não vai haver casamento.

Diane – Mas a boa notícia é que daqui a umas horas estaremos de volta a casa!

Alívio geral. Felicitam-se uns aos outros.

Diane – Ainda bem que o presidente faz questão de o salvar. Deve ser um colaborador muito precioso.

Sergio – O que ele quer mesmo é recuperar a maleta e os milhões lá dentro, para financiar a campanha.

Marie – Tem a certeza de que não vamos todos parar à cadeia? Trago pelo menos cinco quilos de cocaína na bagagem.

Yvonne – Depois de tudo o que passámos, a prisão seria quase um alívio.

Sergio – Não se preocupem. Dei-vos a minha palavra. O presidente não terá interesse nenhum em tornar este caso público.

Amanda – É o exército que nos vai repatriar, não a polícia. Isso facilita muito as coisas.

Sergio – As forças especiais estão habituadas a missões pouco confessáveis. E obedecem ao presidente.

Diane – Ainda bem, ainda bem... Portanto, no fim de contas, acaba tudo em bem!

Charles – Exceto para os habitantes daquela pequena ilha que desapareceu do mapa.

Yvonne – Enfim, quase todos trabalhavam em bancos. Tratando-se de um paraíso fiscal, pode dizer-se que morreram pela pátria.

Max – E, sejamos francos, a destruição de Sodoma e Gomorra acaba por resolver os problemas de muita gente, não é, Sergio?

Sergio – Agora já posso contar-vos: o nosso Estado, na pessoa do presidente, tinha uma dívida colossal ao banco central daquele pequeno paraíso.

Amanda – Desapareceu o paraíso, desapareceu a dívida.

Sergio – E, quando se apagam as dívidas do Estado, todos os cidadãos ficam um pouco mais ricos. Bem, pelo menos alguns...

Diane – Uma espécie de ardósia mágica: apaga-se tudo e recomeça-se do zero. O espetáculo acaba, mas os negócios continuam.

Sergio – O presidente prometeu acabar com os paraísos fiscais. Finalmente um candidato que cumpre o que promete!

Max – Por um paraíso perdido, aparecem outros dez.

Amanda – E agora, graças ao nosso querido presidente, vamos regressar ao nosso belo país!

Charles – Viva o presidente!

Sergio – Viva a República!

Charles – Viva a pátria!

Todos juntos – E viva a Finança!

Ficam todos em sentido. Ouve-se um hino nacional solene, que vai esmorecendo enquanto saem em formação e a passo marcado. Diane segue no fim da fila e é a última a sair.

Diane *(ao sair)* – Acho que acabei de ter outro orgasmo...

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Outubro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-025-4

Documento para download gratuito